

Pataxós rezam e protestam na missa

■ Índios respeitam liturgia, dão vivas a Deus e Tupã, mas pedem melhor divisão da terra e mais respeito por sua cultura

BORGES NETO

PORTO SEGURO, BA - A maioria dos 330 bispos que se encontram em Porto Seguro, na Bahia, participando de sua 38ª Assembléia Geral, interrompeu ontem as reuniões de estudo e reflexão para passar o domingo com as comunidades eclesiais da cidade e de grande parte da chamada Costa do Descobrimento. Alguns foram até o Monte Pascoal (distante cerca de 170km), local onde Pedro Álvares Cabral teria desembarcado, mas dois - dom Mauro Montagnolli e Gilio Felício, respectivamente bispo de Ilhéus (BA) e bispo-auxiliar de Salvador - preferiram ir mais perto. Foram até Coroa Vermelha (15km de

Porto Seguro) - onde, 500 anos atrás, frei Henrique Coimbra rezou a primeira missa do Brasil - e ali, numa oca modernizada, em meio ao recém-construído Centro Cultural Pataxó, os dois bispos celebraram a eucaristia para um grupo de pataxós, que mostraram estar já bem catequizados.

A celebração, transmitida para todo o Brasil através da TV Canção Nova, começou com a entrada dos dois bispos e do padre Jelson Dias da Silva, coordenador-geral das comemorações religiosas dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, precedidos por duas alas de pataxós que se dirigiram até o altar, instalado ao fundo da oca e coberto de tabua, o mesmo material com que os índios fazem suas

tangas e se apresentaram ontem. Dezesseis pataxós entre homens e mulheres, adultos e jovens, troncun e descalços, rostos pintados, alguns com borduna e flecha, foram a nota marcante da missa. Já na entrada e depois, durante vários momentos da celebração, cantaram e dançaram, fizeram ouvir até seus gritinhos, deram o abraço da paz aos poucos brancos presentes e participaram da comunhão com visível piedade.

Cânticos - Em seus cânticos, os pataxós invocaram a Deus também com o nome que lhes é familiar: Tupã. O canto do Glória, que se canta nas igrejas católicas, foi incluído na cerimônia mas com outra letra, melodia e ritmo típicos dos índios: "Deus no Céu e os

índios na Terra! Quem é que pode mais? É Deus no Céu". E, antes da leitura do Evangelho, invocaram o duplo nome de Deus: "Viva Deus e viva o nosso Pai Tupã, viva hoje e amanhã". As folhas nas quais estava o texto tinham sido levadas por uma jovem pataxó até o altar numa gamela de madeira, utensílio muito usado pelos indígenas. Três índios (dois rapazes e uma jovem) fizeram também as leituras e rezaram os salmos que antecedem o Evangelho.

O Ofertório foi outro momento muito rico de simbologia. Os mesmos pataxós, que faziam coreografias e prestavam guarda de honra diante do altar, levaram às mãos dos celebrantes não apenas o vinho e as hóstias (em vasos de

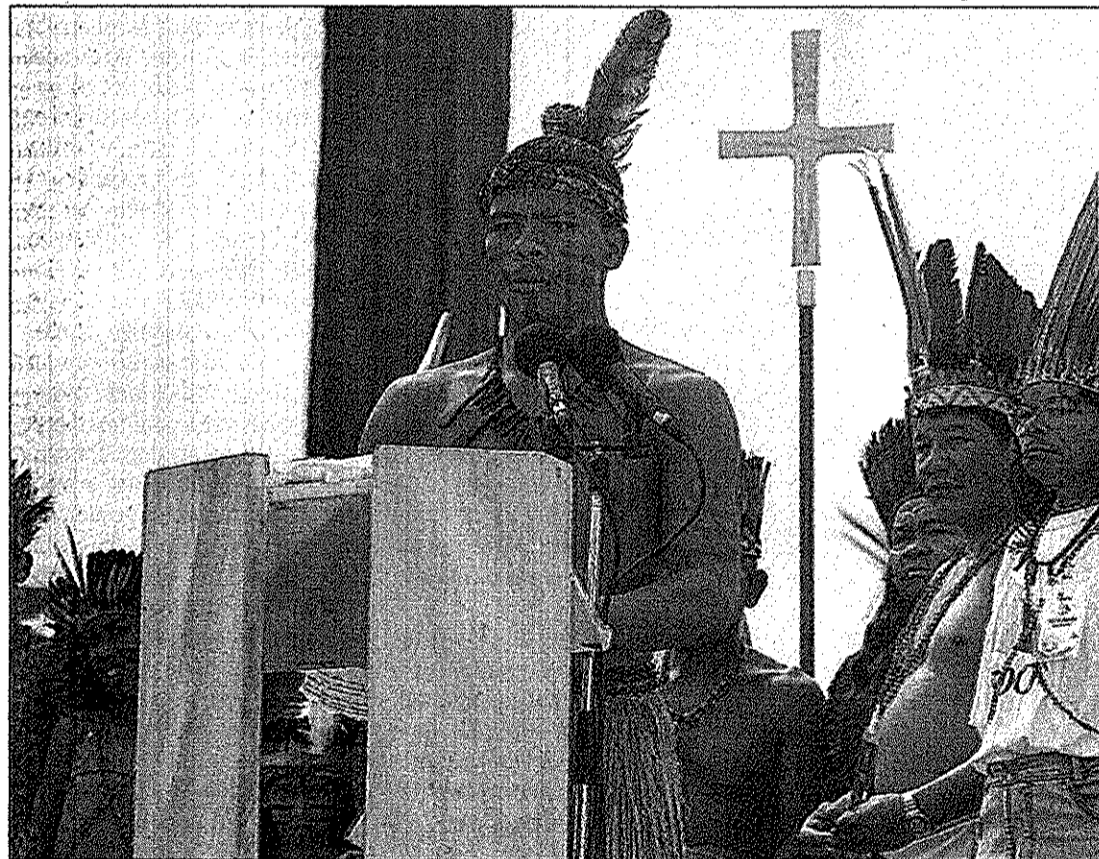
madeira) mas também água, para as abluções, e uma porção de terra em outra gamela. Para os índios, a Terra é um elemento tão sagrado que, por respeito a ela, andam descalços. "Para os índios" - explicou o padre Joelson - "O Deus no Céu é o mesmo Deus na Terra". Ainda no Ofertório, uma índia levou também até o altar um bebê inteiramente nu, que dom Gilio acolheu em suas mãos e um belo sorriso. Depois, o bispo, aparentemente sem saber o que fazer, ergueu o índiozinho ao alto e, descendo do supedâneo do altar, caminhou pelo meio da pequena e encantada assembléia enquanto o apresentava aos fiéis.

Injustiças - Em sua homilia, dom Gilio disse estar alegre por

participar da festa. "Nós, que estamos aqui, desejamos ser felizes, mas a liturgia nos diz hoje que a felicidade não virá se faltar uma coisa: a fé", frisou. E, numa referência velada às injustiças e todos os sofrimentos por que passaram e passam os índios, disse ainda: "Jesus Cristo também foi injustiçado, mas é cheio de amor e misericórdia; em vez de vingança, ele só quer e anuncia a paz e o Espírito Santo."

Na hora das preces comunitárias, um índio subiu também ao altar para pedir por seu povo. Sua prece foi para que "a terra possa ser compartilhada" e os indígenas vejam respeitadas sua cultura, língua e valores adquiridos ao longo dos séculos.

Antonio Alberghini - 26/4/2000



Na missa do dia 26, Matalawê cobrou dos brancos a devolução das terras e respeito aos índios

Demarcação é o ponto central

PORTO SEGURO, BA - De repente, com as celebrações do Quinto Centenário do Descobrimento do Brasil, os índios se tornaram, no plano nacional e internacional, o centro das atenções de todo o mundo. Muito mais que a presença do presidente Fernando Henrique Cardoso, em Santa Cruz Cabrália, na Bahia, para as comemorações oficiais do 22 de abril, despertou interesse a Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, com seus cerca de 3 mil representantes, realizada ali também nos quatro dias anteriores.

Muito mais que a própria ação eucarística celebrada no dia 26 pelo legado pontifício, cardeal Ângelo Sodano, em comemoração à primeira missa do Brasil, impressionou a fala do índio pataxó Matalawê que, de forma irada, cobrou dos brancos a devolução de suas terras e o respeito pe-

la cultura indígena. Ontem, no entanto, Matalawê desmentiu as versões de que os índios teriam se recusado a conceder perdão pela invasão de suas terras e as penas suportadas ao longo de 500 anos de história.

Perdão - Segundo o pataxó, nem mesmo é verdade que ele teria condicionado a concessão do perdão à "demarcação das terras até o fim do ano", ainda que esta seja a grande reivindicação dos indígenas. Sem o ar provocador que tinha mostrado na missa, quando leu seu protesto de dedo em riste, Matalawê falou ontem de seu verdadeiro objetivo: "o que queremos é conversar, discutir, fazer avanços. Não queremos impor nenhum tipo de condição".

Matalawê mostra-se conhecedor da elaboração do Estatuto do Índio e diz estar confiante na capacidade dos líderes e representantes das tribos. Mas ao se refe-

rir à validade do Estatuto, faz ressalvas quando diz: "Tudo vai depender de a gente estar aí, temos que ser ouvidos." Mostra-se confiante, sobretudo, na atuação do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) - uma espécie de departamento da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que, desde sua fundação, em 1972, sempre se mostrou aguerrida na defesa dos direitos dos índios.

Ausência - Não por acaso, todos os bispos que exerceram a presidência da entidade, além do atual presidente, dom Franco Masserdotti (bispo de Balsas-MA), fizeram questão de ausentar-se da missa do dia 26 de abril, em protesto contra a proibição da participação nos festejos do dia 22 de abril e, mais ainda, contra os maus-tratos de que índios e os próprios religiosos foram vítimas. (B.N.)

Bispos apóiam reivindicações

PORTO SEGURO, BA - Tão pacífica se afigura a urgência e necessidade da demarcação das terras indígenas que, aparentemente pelo menos, nenhum bispo se opõe. Logo no primeiro dia da 38ª Assembléia Geral do Episcopado Nacional, na histórica cidade de Porto Seguro, corria solta uma lista com o total das terras que faltam ser demarcadas (508 num total de 739) e nem um só protesto surgiu.

Agora, os índios estão confiantes em que o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) deverá estar a seu lado mais esta vez. O pataxó Matalawê, que na missa celebrada em Coroa Vermelha quase dera a impressão de não confiar em mais ninguém, ontem era o primeiro a dizer que, "com a ajuda da Igreja, especialmente do Cimi, a gente há de ganhar."

A despeito da impressão de

que o Cimi tomou sempre atitudes demasiado duras e até radicais, o cardeal-arcebispo de Aparecida, dom Aloísio Lorscheider, não tem dúvidas de que sem a atuação desse órgão da CNBB "as coisas estariam bem piores para os índios e a Igreja talvez tivesse, uma vez mais, que pedir perdão por suas omissões."

O cardeal não nega que também entre os índios haja erros a corrigir, mas logo os defende quando diz que "eles têm muita coisa a nos dar e ensinar." No entanto, para o cardeal, que chegou a ser cogitado para ocupar o trono de São Pedro, a solução para dirimir dificuldades entre índios e a sociedade brasileira está num grande e sincero diálogo. Dom Aloísio concorda, ainda, que é preciso delimitar, quanto antes, as terras indígenas e não deixar que ninguém as invada.

O presidente da entidade, dom Franco Masserdotti, sempre perseguido pelos jornalistas, depois dos últimos acontecimentos envolvendo os índios, julga desnecessário defender o Cimi. "O Cimi nada faz além do que tentar pôr em prática o próprio Evangelho, que manda distribuir a mesa por todos os filhos de Deus", afirma. O bispo sustenta a tese de que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, "aqui já havia, de forma implícita, valores evangélicos e sinais da presença de Jesus, conforme a cultura que os animava no relacionamento e no amor à Natureza."

O bispo-auxiliar de Belo Horizonte dom Décio Zandonade lembrou, no entanto, que "o Cimi, bem como todas as organizações que se inspiram na Teologia da Libertação, pagam um preço pela ideologia." (B.N.)